

## **João Guabiraba: relações com espíritos na paisagem beiradeira do médio e alto Tapajós<sup>1</sup>**

Carlos Calenti (PPGAS/UFAM)

**Palavras-chaves:** beiradeiros, Tapajós, espíritos.

Eu estava na casa do Seu Luiz Matos de Lima, na comunidade de Pimental, localizada no sudoeste do Pará, na região do médio Tapajós. Conversávamos, eu, ele e sua família, sobre a luta daquela comunidade beiradeira contra a barragem da hidrelétrica São Luiz do Tapajós, que teria inundando o território tivesse se concretizado. Foi ali que ele primeiro me contou sobre uma promessa que seu pai, Seu Ernesto, havia feito a um santo, a um “espírito milagroso”, como ele o chamou, o João Guabiraba. Se o santo impedisse que o projeto da usina fosse adiante, seu Ernesto e a família limpariam a capela do Guabiraba, localizada a mais ou menos quatro horas de rabeta de Pimental, além de também limparem a trilha que leva do porto à construção de alvenaria, pintada de azul.

Nesses dias, aqueles da minha primeira ida a campo, eu continuei entrevistando as pessoas da comunidade sobre a luta, a revolta em que quebraram os marcos de georreferenciamento sobre os quais não foram consultados, as reuniões com o Diálogo Tapajós, as brigas internas entre moradores, muitas vezes entre parentes e amigos, e sobre as suas expectativas em relação ao futuro, que era então o foco da minha pesquisa. Mas o João Guabiraba já assombrava o meu pensamento, seu delineado vago já contando muitas histórias sobre o passado, o presente e as promessas do porvir nos beiradões do Tapajós.

Depois dessa conversa, então, minha pesquisa mudou. Agora é para a relação dos beiradeiros com santos, espíritos e outros seres extra-humanos, e para a forma como essas relações alinhavam e são alinhavadas pelas suas lutas em defesa dos territórios, que me volto. A história e as relações com o “espírito milagroso” do João Guabiraba são os fios condutores que me levam por essa malha, articulando a história da região, os traumas marcados na paisagem, as formas emaranhadas de existência nos beiradões, as alianças políticas, os desejos de uma justiça-por-vir. Acredito que esse testemunho, contingente e localizado, possa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

contribuir para a construção de um pensamento/prática de produção de paisagens que não apague as existências sobre-humanas que animam as suas relações. Contra discursos/práticas desertificantes, como os produzidos pelo EIA/RIMA da Usina Hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, é o caso de narrar como essa paisagem é habitada também pelos espíritos dos mortos, por seres ancestrais, entre outros, a partir da perspectiva dos beiradeiros.

\*\*\*

Com a história de Seu Luiz em mente, marquei uma visita à capela alguns dias depois de retornar daquela primeira ida à Pimental. Seu Miga (Risonildo Lobo dos Santos), também participante das lutas contra a barragem, me levou de voadeira até lá. Logo perto do porto, há uma casa onde morava um senhor e sua família. Seu Lázaro estava deitado em uma rede quando nos recebeu e contou a história do Guabiraba, mais ou menos igual a que seu Luiz e seu Miga já tinham me relatado, mas com alguma riqueza maior de detalhes.

No relato de seu Lázaro, o João Guabiraba era um seringueiro que trabalhava para um patrão particularmente cruel na região do alto Tapajós. Tendo ficado doente e não podendo exercer as suas atividades, o patrão ordenou que seu melhor amigo o deixasse pendurado em pau, no alto de um elevado, sem comida e sem água até que morresse, ou melhorasse. O amigo só teve autorização de conferir o Guabiraba vários dias depois, e quando voltou só encontrou seus ossos, que enterrou ali mesmo. Em alguns dias, esfomeado devido às restrições do sistema de endividamento em que trabalhava, o amigo foi caçar e se acidentou, um pedaço de pau atravessando o seu pé. A sua esposa cuidou como pôde do ferimento, mas nada estava surtindo efeito. Ela, então, sugeriu que ele pedisse a interseção do seu amigo, o que ele fez. No dia seguinte, ele acordou muito melhor, e com o tempo o ferimento se curou. Esse amigo e sua esposa fizeram, então, um altar pro João Guabiraba no mesmo lugar em que ele fora enterrado, o mesmo lugar onde se encontra a capela hoje.

\*\*\*

Essa história articula muitas questões importantes na paisagem: o horror e a violência do colonialismo na Amazônia, a fricção entre mercados capitalistas globais que demandavam a borracha e as realidades locais de espoliação e resistências, as relações de cuidado e as alianças com todo tipo de seres como maneira de sobreviver no território. Com o tempo, a fama do santo foi se espalhando e hoje é ainda relativamente prevalente entre as comunidades beiradeiras do médio e alto Tapajós, e entre muitos garimpeiros da região também. No entanto, o Guabiraba não é uma figura única, fechada, mas sua existência é aberta à indeterminação, é uma síntese disjuntiva de possibilidades que se atualizam ou não dependendo das relações que as tecem no emaranhado da paisagem. Assim, entre as pessoas de Pimental com quem conversei a história é mais ou menos parecida com essa contada por seu Lázaro, mas com divergências internas (em uma, por exemplo, o João Guabiraba foi deixado em uma rede e não pendurado no pau; ou, em outra, não restava nada do corpo dele, nem os ossos; etc). Entre os moradores de Montanha e Mangabal, no entanto, a história divergia em maior grau: a história que seu Pedro me contou é a de que acharam o corpo do Guabiraba lá naquele local, morto não se sabe de qual doença, e que o corpo nunca se deteriorava e por isso acreditaram que era milagroso e construíram ali o primeiro altar.

Entre um corpo reduzido a ossos ou completamente desaparecido e um corpo que não se destrói, a ideia aqui não é, obviamente, produzir uma narrativa única e definitiva sobre o santo, mas tentar manter a multiplicidade e indeterminação como princípio, fazendo essas histórias co-habitarem a paisagem. Uma outra história de dissonância, se não exatamente de contradição, está relacionada ao fogo. Em Pimental, me contaram que a capela já tinha passado por incêndios em mais de uma ocasião: os objetos de madeira e as chamas das velas em seu interior produzindo um cenário propício ao acontecimento. Já pensando nesse ciclo de fogo/reconstrução como uma possível estratégia de contra-institucionalização do santo, que não é reconhecido pela Igreja Católica, quando fui a Montanha e Mangabal perguntei desses incêndios por lá. Não só Seu Pedro falou que não ouvira falar deles, quanto me contou uma história sobre fogo oposta: quando incendiaram o terreno, num ato de desafio ao santo (como é recorrente nas histórias sobre ele), tudo ao redor queimou, menos a capela e o caminho que leva até ela – uma confirmação do potencial miraculoso do santo. Mais uma dis-junção, o nome João Guabiraba trazendo uma multiplicidade de assombrações sob sua rubrica.

\*\*\*

Depois de conversarmos com Lázaro, seu Miga me levou finalmente à capela. A trilha levemente inclinada estava cheia de troncos caídos e vegetação alta: fazia tempo que ninguém a limpava. Ao seu final, uma pequena casa de alvenaria, pintada de azul, erguia-se. Dentro da construção, a fé no santo se materializa em dezenas de velas, lamparinas de óleo diesel e querosene, e diversos pedaços de corpos como braços, pernas, cabeças, coração, talhados em madeiras e distribuídos pelo pequeno recinto. Também roupas são penduradas nos crucifixos e braços, e na pequena estátua que nos recebe, que seu Lázaro disse que na verdade representa o amigo, e não o João Guabiraba, como todos pensam. Junto com Thiago Mota Cardoso, ao falar de uma igreja em Barra Velha, aldeia Pataxó no sul da Bahia, penso na capela do João Guabiraba como um cronotopo, termo recuperado de Michael Bakhtin que indicaria “um lugar que vem sendo formado ao longo do tempo”, ou seja, que carrega as marcas indeléveis que as histórias dos vivos e dos mortos e até dos que ainda não nasceram deixam no mundo. Essas promessas em madeira, chamas e roupas são apenas algumas das muitas materializações que a relação com o Guabiraba produz. “Se pegar” ao santo, então, articula temporalidades e materialidades várias, da cadeia de histórias e promessas anteriores que a suscitaram, dos acontecimentos a que elas aludem, ao presente de necessidade, ao futuro que a promessa busca concretizar, seja a saúde de um filho acidentado ou que as suas comunidades não sejam apagadas do mapa.

Assim, a relação com o santo articula engajamentos variados com o território. Penso também na negociação com o rio e seus perigos, por exemplo, e como várias histórias sobre o Guabiraba falam de uma falta de respeito com o espírito que ocasiona algum acidente ou imprevisto com as canoas e voadeiras. Muitas pessoas me contaram de motores que pararam de funcionar porque alguém não tinha cumprido sua promessa, não haviam deixado suas latas de óleo ou mesmo haviam roubado combustível da capela, alguns dizendo que eles mesmos haviam passado por uma situação dessas. Seu Miga me contou a história do velho Paxiuba, que deu um tapa na cabeça da estátua que fica na capela, dizendo que o santo não fazia nada. No mesmo dia o seu barco, que estava cheio de Tambaquis, com rede de pesca e etc, virou no

rio Jamaxim, ele tendo sorte de ter sobrevivido ao subir em uma pedra por ali. Esse tipo de relação, que as múltiplas histórias de vinganças do santo atestam, não é privilégio da região. Em Santos e Visagens, Eduardo Galvão diz que “o tema mais comum dos relatos de milagres é o da punição de um faltoso pelo santo a quem fizera uma promessa e deixara de pagar” (1955:42). Ele continua, em seguida: “existe um padrão de atitudes e de relações para com os santos que se define sob a legenda de *respeito*” (idem). Acredito que, com o Guabiraba, essa relação de respeito é também uma relação de negociação com os perigos inerentes ao Tapajós para os beiradeiros, aqueles que melhor o conhecem,

\*\*\*

A promessa de seu Ernesto (e de outros, como seu Pedro, de Montanha e Mangabal, que me disse que prometeu várias latas de óleo diesel pro santo caso eles vencessem a batalha contra a Indussolo), fala também das marcas da história beiradeira na paisagem, das violências coloniais como a da escravidão por dívida nos seringais, os deslocamentos forçados que formaram as comunidades em que vivem, as reatualizações disso com as hidrelétricas e as grilagens, e também as resistências e a crença em uma justiça-por-vir (terrena, ou talvez terrana).

Esta justiça assombrada pelos fantasmas, pelos espectros dos que morreram e dos que não nasceram ainda, da qual fala a assombrologia [*hauntology*] de Jacques Derrida, me interessa particularmente. A noção de responsabilidade, cara à Derrida e a autora Karen Barad, vêm a tona aqui: responsabilidade em relação aos emaranhamentos em que intra-atuamos, em relação aos traços do passado que retrabalhamos nas materializações do por vir. Trata-se de uma questão de herança, seja de gerações que já se foram ou que ainda não vieram a ser. Nessa assombrologia, os espectros, dos mortos ou dos não-nascidos, vêm dis-juntar o presente de si mesmo, abri-lo para as potências do ontem e do amanhã. E a herança, Derrida sublinha, é necessariamente heterogênea, múltipla: se a aceitamos como nossa, é preciso que a filtremos, que escolhamos dentre de todas as virtualidades que, contraditoriamente, habitam cada legado. Como no corte agencial de Barad, que congrega e separa no mesmo movimento, aqui trata-se de “manter junto o que não se mantém junto, e o disparate mesmo” (Barad, 2010:

34). Só pode existir justiça (que, para Derrida, não é a do cálculo, da restituição completa e apaziguadora) nesse disparate que é também, necessariamente, a relação com outrem.

Os espíritos, os espectros, as visagens são entidades desestabilizadoras que falam da multiplicidade de possíveis que cada fenômeno comporta, da relação excessiva com os vários outros que nos abrem ao indeterminado. Pensar numa justiça no Antropoceno e nas lutas políticas que os beiradeiros travam constantemente para defender a sua existência nos territórios que habitam, passa por pensar com os espíritos, narrar com os fantasmas. Nicole Soares Pinto diz que agora “os cientistas do campo” talvez precisem “escrever em presença tanto dos vivos quanto dos mortos” (2023:22). E, mais, eu acrescentaria: também daqueles que ainda não nasceram.

\*\*\*

No artigo “Ecologia com espírito dentro: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno”, Nicole Pinto Soares, falando a partir do seu trabalho etnográfico “com os Djeoromitxi (povo de língua Macro-Jê) e o conjunto de povos a eles aparentados e moradores da Terra Indígena Rio Guaporé, em Rondônia” (Soares Pinto, 2021:5), convoca a noção de uma “catástrofe da sobrenatureza”, que me parece importante também para pensar a relação dos beiradeiros tapajônicos com espíritos no Antropoceno:

A ideia de catástrofe da sobrenatureza é, assim, uma tentativa de incluir na teorização sobre a continuidade da vida de um povo indígena tanto as repressões a eles impostas a partir da invasão das Américas quanto as transformações/ invenções por eles exibidas na continuidade da vida. E isso se dá, eu suponho, **por meio da atenção ao modo como indicam os efeitos da colonização na vida dos entes extra-humanos – aqueles com os quais coexistem, e não com todos os entes em abstrato –, que é conjuntamente um modo de apreciação de sua relação com os entes afetados.** (Soares Pinto, 2023:22, grifos meus).

Se os beiradeiros articulam com entidades sobrenaturais específicas, como o Guabiraba, uma forma de defender seu território, é inegável também que aquelas forças a que eles se opõem, como aquelas que buscam construir a hidrelétrica, podem ter efeitos catastróficos na vida

desses seres, seja pelo alagamento do território (incluindo o da capela do Guabiraba), pela potencial desterritorialização de seus habitantes, cortando-os das relações com o território que são constitutivas também da relação com os espíritos (e vice-versa), pela deterioração da paisagem (que também é sobrenatural), etc.

Como um nó de materializações que emaranha tantos fenômenos – traumas e alegrias passadas, presentes e futuras; objetos e práticas; modos de habitar e perceber a paisagem; etc. –, o Guabiraba pode nos ajudar a narrar a possibilidade de uma justiça-por- vir, uma que necessariamente considere os espíritos como parte incontornável dos territórios. Em suas relações com beiradeiros, com o rio e suas águas, com peixes, com combustíveis, cordões de ouro e tantos outros objetos, o santo co- constrói a paisagem beiradeira do Tapajós, além de participar das lutas em sua defesa, que são também lutas por sua própria sobrevivência.

\*\*\*

No dia 3 de maio de 2024, o site ((o))eco publicou a seguinte notícia: “Eletrobrás contraria plano energético e retoma projetos para erguer megasinas no Tapajós”. Segundo apuração do jornalista André Borges:

(...) a companhia [Eletrobrás] encaminhou, nesta semana, um pedido formal à Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), para que o órgão renove o registro e o “aceite técnico” para a construção da hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, o maior projeto hidrelétrico do país, que teria capacidade de gerar 8.040 megawatts (MW) de energia, só inferior à potência das usinas de Belo Monte e de Tucuruí, também construídas no Pará. Seu reservatório, previsto para ser formado numa área extremamente preservada da floresta, dona de diversas unidades de conservação, teria nada menos que 1.368 km<sup>2</sup>, quase o equivalente ao tamanho do município de São Paulo. (Borges, 2024)

A assombração da hidrelétrica nunca vai embora, ela paira sobre os beiradeiros e seus territórios. Por isso, mais que nunca, acredito na importância de testemunhar e narrar as existências espirituais ignoradas pelos relatórios esvaziadores de grandes empreendimentos. De apostar na presença que desestabiliza discursos cientificistas comprometidos com seus grandes binarismos. Essa é uma forma também de se responsabilizar. Junto com os beiradeiros, de apontar para a possibilidade de futuros em que até aqueles que ainda não nasceram possam continuar se pegando ao Guabiraba quando for preciso.

*Agradeço à CAPES e à FAPEAM por apoiarem a apresentação desse trabalho na RBA a partir de recursos do **CAPES-PROAP** e do **FAPEAM-POSGRAD 2023-2024**.*

## **Bibliografia**

Barad, Karen. Quantum Entanglements and Hauntological Relations of Inheritance: Dis/continuities, SpaceTime Enfoldings, and Justice-to-Come. **Derrida Today** 3.2 (2010): 240–268, 2010.

\_\_\_\_\_. Diffracting Diffraction: Cutting Together-Apart, **Parallax**, 20:3, 168-187, 2014.

Borges, André. Eletrobrás contraria plano energético e retoma projetos para erguer megasinas no Tapajós. **((o))eco**, 03 maio de 2024. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/eletrobras-contraria-plano-energetico-e-retoma-projetos-para-erguer-megasinas-no-tapajos/>. Acesso em 25 de maio de 2024.

Cardoso, Thiago Mota. **Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica** Pataxó no Monte Pascoal. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.

Derrida, Jacques. **Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. (tradução: Anamaria Skinner). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Galvão, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa em Itá; Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

Ingold, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2000.

Pinto, Nicole Soares. “Ecologia com espírito dentro”: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno. **Cadernos IHU Ideias**. Ano XIX, nº 316, v. 19, 2021.

\_\_\_\_\_. A Catástrofe da Sobrenatureza: a relação entre morte e terra no Complexo do Marico. **Mana**. 29(1): e2023007, 2023

Torres, Maurício. Um rio de muita gente: a luta comum de vidas plurais no vale do alto Tapajós. In: Alarcon Daniela Fernandes, Millikan, Brent e Torres, Maurício (orgs). **Ocekadi: hidrelétricas, conflitos socioambientais e resistência na bacia do Tapajós**. Brasília, DF: International Rivers Brasil; Santarém, PA: Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, 2016.